

Relações com Investidores

Carta Aberta ao Governo

Márcio Veríssimo*

A atividade de relações com investidores é, em linhas gerais, comunicar ao mercado de capitais a estratégia e resultados das companhias abertas. O objetivo desse trabalho é que o mercado de capitais consiga avaliar o potencial de retorno de seu investimento bem como os riscos envolvidos, minimizando o prêmio cobrado pela incerteza gerada por insuficiência de informações, conforme comprovado por diversos estudos independentes.

Essa função foi criada e é exercida por companhias privadas e mesmo por estatais de capital aberto há muitos anos e esses mesmos princípios são aplicáveis a países.

Para ilustrar, vamos estabelecer algumas comparações entre as atividades do governo brasileiro e as das companhias abertas.




Trimestralmente as companhias abertas apresentam os seus resultados financeiros. Da mesma forma, mas com frequência ainda maior, o governo brasileiro apresenta os seus resultados, sendo que o mais visível é o resultado das contas governamentais, como superávit primário e pagamento de juros, mas também é composto por diversos outros resultados do país como balanço de pagamentos, crescimento do PIB e até mesmo índices de inflação.

Mesmo quando falamos em públicos-alvo existe uma similaridade. A mais óbvia são os investidores em renda fixa que investem tanto em dívidas do governo como de companhias, sendo que o foco desses é mais limitado, resumindo-se a verificar a capacidade de pagamento dos devedores.

Adicionalmente, no caso de companhias abertas existem os investidores em ações, os quais costumam ter um foco diferente, mais voltado para a estratégia e potencial de crescimento da companhia. De maneira similar, existem os investimentos diretos, os quais possuem um horizonte mais longo e está mais sujeito a fatores de crescimento do PIB e da renda. Naturalmente, nesse caso, não são os mesmos investidores, afinal no primeiro caso são investidores financeiros dando dinheiro para empreendedores e no outro são os próprios empreendedores, mas os princípios que orientam a decisão de investir ou não são os mesmos.

Finalmente, do mesmo modo que os presidentes e diretores financeiros realizam

Agenda do Investidor

			
AmBev	03/03	05/03	-
ALL	28/02	01/03	04/03
CBD	-	28/02	-
Cemig	09/03	11/03	-
Copel	24/03	28/03	-
CST	-	-	10/03
Duratex	-	01/03	-
Embraer	18/03	-	-
Gol	08/03	08/03	-
Itaúsa	08/03	09/03	-
Natura	-	28/02	-
Net	15/03	-	-
Petrobras	-	01/03	01/03
Renar Maçãs	-	-	02/03
Suzano Petro.	03/03	04/03	03/03
Telemar	03/03	04/03	-
Unipar	-	-	18/03

Fonte: www.divulgacaoexemplar.com.br

Governo	Companhias Abertas
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Investidores compram títulos do governo e fazem investimentos diretos. ▪ Dados sobre orçamento e desempenho macroeconômico. ▪ Realizam palestras para bancos e reuniões com empresários. ▪ Comunica as políticas implementadas para crescimento da economia e da capacidade de pagamento da dívida. ▪ Coordenar diversas informações econômicas, sobre políticas públicas e outros em uma história coerente. ▪ Manter canais de comunicação permanente: equipe e website dedicados. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Investidores compram emissões de dívida e ações da Companhia. ▪ Resultados financeiros trimestrais. ▪ Realizam roadshows e apresentações corporativas para investidores. ▪ Expressa sua mensagem de investimento, como a companhia fará para crescer e sua solidez financeira. ▪ Estabelecer uma mensagem consistente sobre as iniciativas de áreas diversas como marketing, industrial e outros. ▪ A área de Relações com Investidores concentra as atividades cotidianas de comunicação e mantém website de RI.

roadshows para comunicar-se com investidores, o presidente e o ministro da fazenda realizam palestras com bancos e encontros com empresários por todo o mundo.

Dito isso, vale ressaltar o trabalho que hoje é feito pelo governo brasileiro. Os diversos órgãos do governo perceberam essa necessidade de informações dos investidores e criaram os seus próprios canais de comunicação para esse público específico. Do mesmo modo, é inegável o esforço do presidente e de seus ministros para atrair investimentos, participando de diversos fóruns e de encontros com empresários.

O ponto-chave a ser aprimorado é que todos esses canais estão atuando de forma independente e não-coordenada. Assim, o Banco Central, o Tesouro Nacional, o IBGE, entre outros órgãos, emitem relatórios independentes com informações essenciais para a decisão de investimento.

Comparando novamente com uma companhia aberta, seria como se o investidor tivesse que entrar em contato com a contabilidade para saber o resultado financeiro, com o marketing para saber as perspectivas de crescimento, com a diretoria industrial para saber a eficiência das operações e com o presidente para saber a estratégia. Não é preciso refletir muito para saber que desse modo muitas informações seriam desconstruídas e a comunicação prejudicada, independente do quanto essas áreas se esforçassem em prover boas informações. Assim, acreditamos que cada um desses órgãos governamentais faça um bom trabalho, mas simplesmente não é o bastante.

Há menos de 3 anos, a MZ Consult realizou uma pesquisa para avaliar como os investidores de títulos do governo avaliavam a comunicação do governo e, apesar da troca da administração federal, acreditamos que as linhas gerais das sugestões permaneçam as mesmas.

Nessa pesquisa, cerca de 70% dos entrevistados consideraram a comunicação do governo como deficiente e um número ainda maior disse não receber nenhum material diretamente do governo.

Dessa forma, a principal fonte de informações são os bancos de investi-

mento, cujas opiniões nem sempre refletem a visão do governo.

Entre as principais sugestões dos entrevistados, destaca-se a necessidade de comunicação direta através de teleconferências e roadshows. Um canal único e permanente de comunicação similar a um site de relações com investidores também foi uma demanda frequente.

Adicionalmente, para comparação, questionamos que países emergentes realizam um bom programa de comunicação. O mais citado foi o México, o que não é um exemplo significativo, pois a vantagem da proximidade do principal mercado (EUA) dá uma vantagem "injusta". Por outro lado, também foram bastante citados outros países como Coreia, Colômbia e até a Argentina, que já estava em default.

Nossa sugestão para o governo é criar uma estrutura centralizada que receba dados de diversas fontes do governo com antecedência e é capaz de produzir relatórios resumidos com as informações mais relevantes e dentro de uma história coerente. Seria crítico que esses relatórios fossem disponibilizados simultaneamente em português e inglês para igualdade de tratamento de investidores locais e internacionais.

Essa estrutura seria responsável pelos contatos com o mercado de capitais no dia-a-dia, bem como por identificar potenciais investidores, distribuir os relatórios para um público qualificado e por planejar roadshows e apresentações, a exemplo da área de relações com investidores das companhias abertas.

Se o governo conseguir reduzir em meio ponto percentual o custo de suas emissões, o retorno sobre o investimento para coordenar essas atividades será imenso tanto para o governo como para todas as companhias brasileiras cujo risco, e, portanto, custos de financiamento, estão intrinsecamente ligados ao risco Brasil.

Relações com investidores é uma atividade diferente de assessoria de imprensa e que depende muito do apoio do alto escalão, seja em uma companhia, seja no governo. Esperamos incentivar o governo a abraçar essa causa e colocamo-nos à disposição para avançar nessa discussão.

* Consultor, especial para Gazeta Mercantil